

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O TEMA TRANSVERSAL ATRAVESSANDO AS GRADES DA ESCOLA

BONOTTO BIANCHINI, D. (1)

Educação. UNESP dalvambb@rc.unesp.br

Resumen

A Educação Ambiental (EA) como tema transversal tem estado cada vez mais presente nas escolas, ao se considerar a educação como uma das possibilidades de atuação da sociedade, na tentativa de reverter a crise ambiental. Frente às dificuldades para inserção da EA na escola, esta se apresenta como importante tema de investigação. Uma pesquisa qualitativa foi estruturada para investigar professores participantes de um programa de formação continuada envolvendo a EA. As discussões estabelecidas ao longo do curso evidenciaram a dificuldade dos professores para elaborar e introduzir em suas aulas o trabalho com a EA, em função do currículo oficial estabelecido para as escolas públicas da região. A produção conjunta da proposta de ensino, entremeada pela reflexão contínua do processo vivido, mostrou-se ser um importante apoio para a concretização da tarefa.

Objetivos

Neste trabalho, um recorte de uma pesquisa qualitativa, objetiva-se identificar e analisar, a partir do depoimento de professores das séries finais do ensino fundamental, participantes de um curso de formação continuada voltado à Educação Ambiental e o trabalho com valores, suas reflexões, reações e ações frente à tarefa de elaborar e implementar um plano de ensino envolvendo a temática do curso, focalizando-se a questão da articulação do tema transversal na estrutura tradicional da escola.

Referencial teórico

Sendo parte do processo de enfrentamento da crise ambiental, a Educação Ambiental (EA) tem estado cada vez mais presente nas escolas, a partir de um consenso em que se vê, no processo educativo, uma das possibilidades de atuação da sociedade frente ao quadro de degradação ambiental instalado

(CARVALHO, 2006). Considerando que as questões que estão por trás da problemática ambiental envolvem reflexões sobre as concepções a respeito da ciência, tecnologia, sociedade e natureza, elas devem ser apresentadas e trabalhadas tanto por professores que lidam com o ensino de Ciências como por todos aqueles que trabalham com a EA, esta de caráter interdisciplinar e, portanto, ligada a todas as disciplinas escolares.

Nesse sentido a EA foi integrada nas propostas educativas oficiais de muitos países, dentre eles o Brasil, como tema transversal, contemplando-se as possibilidades que a transversalidade possibilitaria para o tratamento do tema: a escola atuando conscientemente na educação de valores e atitudes em todas as áreas, a transformação da prática pedagógica, rompendo com a limitação da atuação dos professores às atividades formais, o trabalho sistemático e contínuo no decorrer de toda a escolaridade, possibilitando um tratamento mais aprofundado das questões eleitas (BRASIL, 1997).

No entanto, a simples apresentação do tema como transversal e a distribuição de propostas curriculares genéricas que o contemplam não dão conta dos desafios que envolvem sua implementação nas escolas, dentre eles, a própria inserção de um tema transversal junto a disciplinas (GALLO, 2001), com conteúdos tradicionalmente – e oficialmente – estabelecidos. Essa foi uma das questões que nos encaminharam a uma investigação sobre o processo de formação docente voltado à incorporação da EA na escola.

Desenvolvimento

A pesquisa, de natureza qualitativa, envolveu oito professores da rede fundamental de ensino em um curso de formação continuada focalizando a Educação Ambiental e o trabalho com valores, realizado em 2008. Estes participaram de reuniões periódicas em que estudaram bibliografia pertinente ao tema, devendo, ainda durante o curso, elaborar e desenvolver propostas de ensino junto a seus alunos, relativas à temática do curso. As reflexões e práticas desenvolvidas por eles constituíram o dados da pesquisa, coletados a partir de caderno de campo, filmagens dos encontros e de todo material elaborado pelos mesmos. Neste trabalho faremos um recorte da pesquisa, identificando e analisando, a partir de seus depoimentos expressos durante as reuniões ocorridas na universidade, suas reflexões, reações e ações frente à solicitação de elaborarem e implementarem o plano de ensino, ao mesmo tempo que eram solicitados a atender a um novo currículo oficial estabelecido para as escolas públicas na região.

Desde o início até o final do curso, a questão do atendimento à “proposta” curricular oficial apresentada pela Secretaria Estadual de Educação a qual os professores eram ligados constituiu-se em um dos principais assuntos trazidos por eles para discussão no grupo. Seja permeando as análises realizadas sobre as necessidades do trabalho com a EA, seja trazido até mesmo como desabafo frente às experiências que estavam vivendo, o assunto foi constantemente apresentado, conforme um dos depoimentos a seguir:

Profa. G- (...) *eu sinceramente, eu tenho medo de não cumprir com o que me pedem (...) Eu acho que é por isso que estou tão deprimida, eu estou... você fazer uma coisa que você sabe que não está certo... eu estou angustiada, desde que eu estou trabalhando eu nunca estive tão angustiada. (...) Eu queria me libertar... eu queria perder o medo* (4ª reunião, Abril 08).

G. *E aí você fica preso naquela caixinha que “Oh, você tem que dar conta desse pacote, se vira” (...) Você entendeu? E você fica com medo, “Ai meu Deus, mas eu não vou dar conta, não vou chegar no fim...”. Eu tenho essa sensação, isso comigo, se é bom ou se é ruim, acho que é ruim, lógico, “Ai meu Deus, mas eu preciso... como que um aluno vai mudar de ano e ele não viu isso aqui, ele precisa ver”. Essa é uma das minhas angústias com esse livrinho, que o governo passou, porque eu estou vendo que muito do conteúdo que ele vai precisar no Ensino Médio, está passando muito por cima. (...) Então acaba-se ficando preso*

naquele maldito [ensino] “conteudista” ali, aquela coisa... na gavetinha, e eu não me arrisco. Eu tenho medo de me arriscar. Sabe? Me arriscar... (8ª reunião, jun 08)

Esses depoimentos ilustram a estrutura da escola, tradicionalmente organizada de forma disciplinar, com relação à rigidez e controle que se estabelece junto aos conteúdos, aos horários, alunos e professores, conforme bem expressou Gallo (2001):

A palavra disciplina é ambígua, e não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que essa ambiguidade se dá por acaso. Ao mesmo tempo em que denota uma área específica de saber, disciplina também denota a rigidez da resposta ao exercício do poder, seja de um outro sobre mim, seja de mim sobre mim mesmo. Dizer que a escola é disciplinar, portanto, significa dizer que ela é o espaço do aprendizado de saberes, por um lado, e que é o lugar do aprendizado do autocontrole, por outro lado (p.17).

Tal controle era fortalecido com a avaliação oficial que ocorreria ao final do ano letivo, quando o conteúdo oficial apresentado nos cadernos distribuídos bimestralmente aos professores seria matéria de avaliação. Tanto a preocupação em não trabalhar com todo o conteúdo apresentado nos cadernos como a preparação para responder à avaliação implicava em tempo e trabalho voltados exclusivamente para essa demanda, como se observa no excerto a seguir:

Profa. E. Agora lá na escola está assim: essa semana a ordem foi: fazer uma bateria de testes em todos os níveis... Isso aí, para discutir com os alunos e preparar para tirar 10 no SARESP (10ª reunião, ag 08).

Um dos professores sentiu-se mais livre por estar envolvido com um trabalho denominado “Oficina Pedagógica”, que, por não constituir-se como disciplina, oferecia-lhe mais liberdade de ação:

Prof. Le: É, eu quero fazer esse projeto com uma quinta série, porque essa quinta série que eu tenho é uma Oficina Pedagógica... Então eu acho que eu vou ter mais “mobilidade” com ela, por ser uma oficina [e não uma disciplina] eu não vou ficar tão preso... (11ª reunião, ag 08)

(...) Então eu posso explorar o máximo, eu não fico preso a apostila [para organizar as aulas]. Não preciso dar nota, então é bem trabalhado com o lúdico, com o interesse [dos alunos] (13ª reunião, set 08)

Dos seis professores que deram continuidade ao curso no segundo semestre, apenas três encerraram-no, envolvendo-se com a elaboração e desenvolvimento do plano de ensino junto a seus alunos. No desenrolar das atividades, uma forma de apoiar essa difícil fase foi possibilitar um trabalho conjunto, discutindo-se em grupo tanto as propostas de atividades frente à demanda dos alunos, trazida por eles, como a concretização do trabalho diante das condições oferecidas em cada escola. Mesmo partindo-se de um tema comum, este adquiriu em cada caso uma feição particular.

Conclusões

Essa experiência concreta aproximou-nos das reflexões sobre transversalidade associada ao currículo em rede, um modelo rizomático de conhecimento e de currículo que se abre para o singular (e daí ao atendimento às singulares da sala de aula, ao seu ritmo e interesses) e que não possibilita controle e massificação. Em tal educação os “campos dos saberes são tomados como absolutamente abertos; com horizontes, mas sem fronteiras, permitindo trânsitos inusitados e insuspeitados” (GALLO, 2001, p.24). Parece-nos que esse modelo responde muito bem às demandas de um mundo em transformação. Até que ponto se deseja uma escola assim é a pergunta com a qual fechamos o presente trabalho, deixando em

aberto essa questão fundamental.

Referências Bibliográficas

BRASIL (2007) Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – Documento Introdutório.

CARVALHO, L.M. (2006) A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. C e LOGAREZZI, A. (orgs.) *Consumo e resíduo: fundamentos para um trabalho educativo*. São Carlos: EdUFSCar, p.19-41.

GALLO, S. (2001) Transversalidade e Meio Ambiente. Ciclo de Palestras sobre o Meio Ambiente. Programa Conheça a Educação do Círculo; INEP- MEC; SEF; COEA, p.15-26.

CITACIÓN

BONOTTO, D. (2009). Formação de professores em educação ambiental: o tema transversal atravessando as grades da escola. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 476-479
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-476-479.pdf>